

Motivos da institucionalização do idoso e suas vivências diárias

Reasons for the institutionalization of the elderly and their daily experiences

Andréia Ambrósio-Accordi¹
Iury de Almeida Accordi²

Resumo: O objetivo desse estudo foi encontrar os motivos que levaram idosos a serem acolhidos em Instituições de Longa permanência para Idosos (ILPI), o tempo em que já estavam institucionalizados, seus vínculos familiares e sua rotina dentro da instituição. A pesquisa foi classificada como descritiva-qualitativa, aplicada por meio de entrevistas semiestruturadas entre novembro de 2016 e novembro de 2017 a idosos com idade igual ou superior a 60 anos residentes em quatro ILPIs da região do Vale do Contestado, Santa Catarina. Por meio Foi possível agrupar quatro categorias de análise quanto aos motivos do acolhimento: a família não pode mais assumir; conflito e exclusão familiar; acolhimento compulsório, ingresso por conta própria. Criou-se uma categoria a parte, chamada de “esquecidos”, para agrupar aqueles idosos cujos motivos de institucionalização desapareceram das suas memórias e dos registros institucionais. Das entrevistas realizadas, selecionou-se alguns recortes que relatam os motivos que os levaram até lá, há quanto tempo estão na ILPI e como é seu dia a dia na instituição. Conclui-se que ainda há muito a fazer para que as ILPI de fato se apresentem como um local de amparo em todos os sentidos aos seus idosos residentes.

Palavras-chave: Instituição de Longa Permanência para Idosos. Saúde do idoso institucionalizado. Idoso fragilizado.

Abstract: The aim of this study was to find the reasons that led elderly people to be taken to long-term care facilities for the elderly (ILPI), the time they were already institutionalized, their family ties and their routine within the institution. The research was classified as descriptive-qualitative, applied through semi-structured interviews between November 2016 and November 2017 to elderly people aged 60 years or over living in four LTCFs in the Vale do Contestado region, Santa Catarina, Through group four categories of analysis as to the reasons for welcoming: the family can no longer assume; family conflict and exclusion; compulsory reception, admission on their own. A separate category was created, called “forgotten”, to group those elderly people whose reasons for institutionalization disappeared from their memories and institutional records. From the interviews conducted, some clippings were selected that report the reasons that led them there, how long they have been at the LTCF and how their daily lives at the institution are. It is concluded that there is still much to be done so that the LTCFs actually present themselves as a place of support in all senses to their elderly residents.

Keywords: Homes for the Aged. Health of Institutionalized Elderly. Frail Elderly

¹ Técnica em Assuntos Educacionais - IFRS Viamão

Especialista em Interdisciplinaridade e Práticas Pedagógicas na Educação Básica - IFSC

Especialista em Dança - PUCRS

Licenciada em Educação Física - ULBRA-RS

² Licenciado em Ciências Biológicas - UNISINOS

Doutor em Ciências - UFRGS

Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico - IFSC Câmpus Joinville

1 INTRODUÇÃO

Pessoas com 60 anos ou mais que tenham dificuldades para realizar as atividades da vida diária e/ou sem condições financeiras, são os potenciais demandantes dos cuidados de longa duração proporcionados pelas Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI) (CAMARANO; KANSO, 2010, p. 96).

As ILPI são “instituições governamentais ou não governamentais, de caráter residencial, destinada a domicílio coletivo de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, com ou sem suporte familiar, em condição de liberdade e dignidade e cidadania” (ANVISA, 2005). As ILPI devem garantir a atenção integral aos idosos, além de defender a sua dignidade e os seus direitos, oferecendo abrigo a essas pessoas, e, muitas vezes, acabam se convertendo no único ponto de referência para eles (ALVES-SILVA *et al.*, 2013).

Sabe-se que a demanda por ILPI como instituições que assumem a residência e os cuidados de vida diária de idosos surge do fato que hoje as famílias não estão mais conseguindo assumir o compromisso de cuidar dos seus idosos, por diversas razões: as famílias são menores, seus membros têm grande mobilidade, e as mulheres têm uma maior presença no mercado de trabalho (DUARTE *et al.*, 2010, p. 123).

Porém, o caminho que leva um idoso até uma ILPI muitas vezes é revestido de situações avessas à vontade dele e envolvem decisões difíceis, tanto individuais quanto familiares.

Pode-se afirmar, através de uma pesquisa extensiva feita pelo Serviço Social do Comércio e pela Fundação Perseu Abramo (SESC/FPA), que a maioria dos idosos não institucionalizados tem conhecimento da existência das ILPI (77% dos entrevistados) e que a rejeição em morar em uma parece aumentar conforme o avançar da idade, tanto para homens como para mulheres (Camarano, 2007, p. 178). Interpretando a mesma pesquisa, Camarano (2007, p. 180) aponta que os principais motivos que levariam um idoso a morar em uma ILPI seria falta de opção, “por vontade própria”; ou por opção de terceiros; por causa da família, “não querem ou não podem cuidar, ou para não incomodar”; em

caso de dependência, “para ter quem cuide”; para obter tratamento adequado e para ter companhia de pessoas da mesma idade.

De acordo ainda com a mesma pesquisa do SESC/FPA, os idosos que não aceitariam morar em ILPI alegaram os seguintes motivos: familiares, por causa de tratamento inadequado como maus tratos ou falta de cuidado, pelo ambiente, triste, abandonado, deprimente e sem higiene, para não ficarem sozinhos; pela falta de liberdade, por não terem casa própria ou por falta de recursos financeiros (CAMARANO, 2007, p. 184). Por outro lado, estudos realizados por Alves-Silva *et al* (2013) apontam que os idosos encaram as ILPI como perda da liberdade, abandono e aproximação inevitável da morte.

Diante do exposto acima, os autores propuseram um estudo que levasse em conta o cenário da Região do Constestado do Estado de Santa Catarina cuja população de idosos institucionalizados ainda não havia sido objeto de pesquisas acadêmicas que apurassem os motivos que os levaram a se institucionalizar, a manutenção de seus vínculos familiares e o tempo de institucionalização. Tal pesquisa fez parte de um projeto de pesquisa e extensão denominado “Ludicidade em idosos institucionalizados: resgate, prática e legado”, realizado com fomento do Edital APROEX nº 03/2016 do Instituto Federal de Santa Catarina.

O objetivo deste trabalho é encontrar os motivos pelos quais os idosos na região do Vale do Contestado, Santa Catarina, são acolhidos em uma ILPI, qual o tempo de institucionalização, quais os seus vínculos familiares e sua rotina dentro da instituição.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, que objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de um problema específico. Utiliza-se uma abordagem qualitativa, que se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Alguns dados foram tratados de modo quantitativo, de forma a aumentar o enfoque na

interpretação do objeto de pesquisa e melhor contextualizá-lo (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32-35).

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa descritiva, que objetiva a descrição das características de uma população de idosos institucionalizados (GIL, 1991, p. 41-42). Como procedimento metodológicos foi utilizado a etnografia que consiste em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais a partir de técnicas como observação e conversações, desenvolvidas no contexto de uma pesquisa (ECKERT; ROCHA, 2003)

Para participar do trabalho, o idoso deveria possuir idade igual ou superior a 60 anos, independente do gênero, residir na ILPI, ser capaz de se comunicar verbalmente e concordar em participar do estudo, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNI-ARP), através do parecer 2.797.705.

Entre novembro de 2016 e novembro de 2017, foram observados e entrevistados idosos de quatro ILPIs da região do Vale do Contestado catarinense, uma publica, duas filantrópicas e uma privada. O Vale do Contestado é uma região formada por 63 municípios, cobrindo a região central de norte a sul do estado de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 2010). Os nomes e as localizações das ILPI foram omitidos. Os idosos são mencionados neste trabalho por meio de pseudônimos, de forma a resguardar suas privacidades e anonimato.

Todos os idosos foram registrados em uma “Ficha de Identificação do Idoso” na qual eram inseridas informações como: data e motivo de ingresso na ILPI, vida pregressa, nível de escolaridade, vínculos familiares, hábitos, vícios, referências culturais, de lazer e problemas de saúde. A ficha seguiu um modelo de cadastro de idoso utilizado pela da Fundação de Assistência Social da Prefeitura de Curitiba (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2014). As informações eram obtidas diretamente com os idosos que apresentavam boa comunicação verbal. Para aqueles incapacitados de verbalização, as questões foram respondidas pelas cuidadoras. Informações complementares foram obtidas por meio de observação etnográfica.

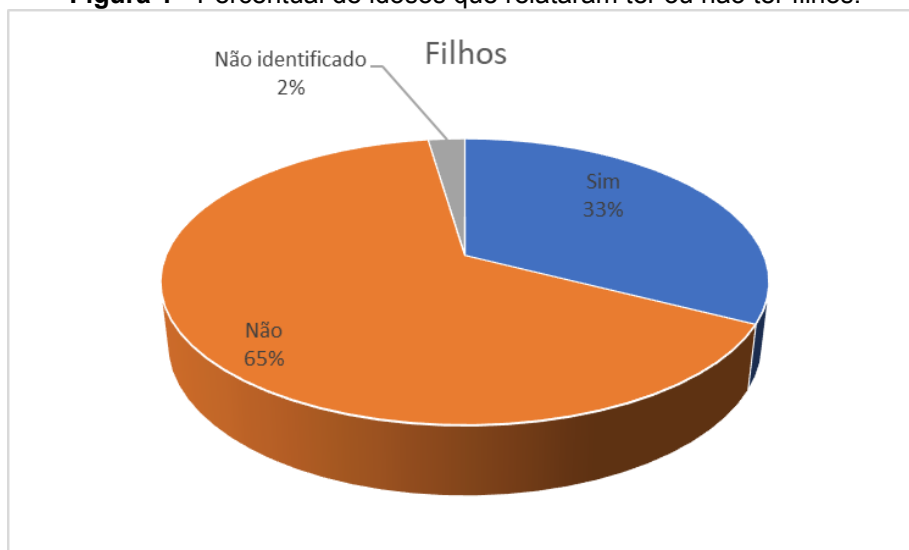
Os relatos referentes à rotina dos idosos institucionalizados se

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 46 idosos, sendo 29 homens e 17 mulheres. A média de idade entre os pesquisados foi de 75 (± 8) anos, sendo que o mais novo possuía 61 anos e o mais velho, 92. Mais de um quarto (26,5%) eram analfabetos e o restante (73,5%) não havia frequentado mais do que quatro anos de escola.

Alves-Silva *et al.* (2013) ressaltam o baixo grau de escolaridade entre os idosos institucionalizados quando afirmam que a educação, na época de infância e juventude desses idosos não era prioridade, principalmente para as mulheres. A maioria dos idosos entrevistados afirmaram não ter filhos (65%) (Figura 1), e ainda possuir vínculos familiares considerados fortes, ou seja, ainda eram visitados com alguma regularidade por eles (Figura 2). Embora essa informação seja escassa na bibliografia disponível, verificamos que 50,8% dos idosos de uma ILPI em Brasília (DF) também alegaram possuir familiares que os visitavam (Araújo *et al.*, 2008).

Figura 1 - Percentual de idosos que relataram ter ou não ter filhos.



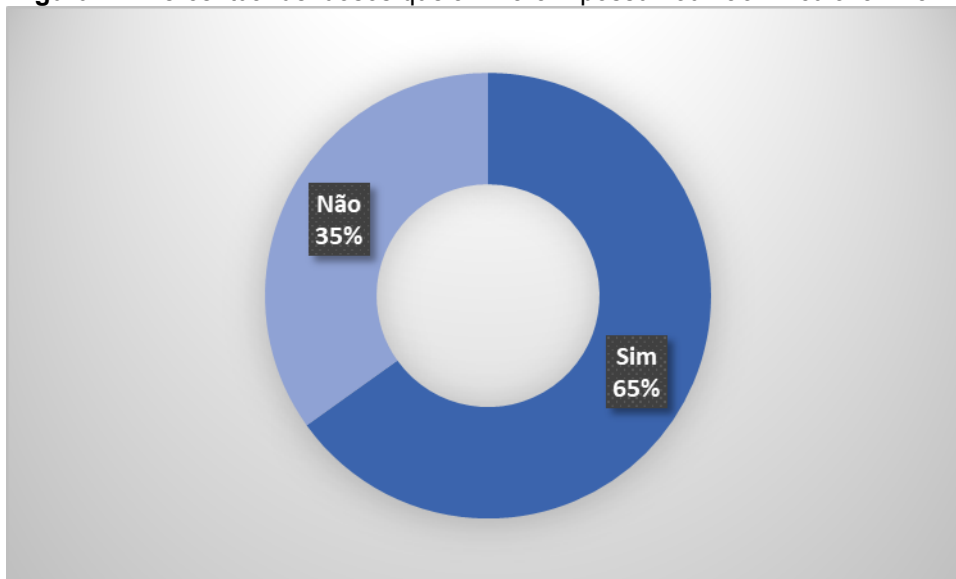
Fonte: Os autores.

Os vínculos familiares foram divididos em 1º grau (filhos ou enteados), 2º grau (irmãos e netos); 3º grau (tios e sobrinhos); 4º grau (primos), e colaterais (cunhados e não parentes) (Figura 3).

A maioria dos idosos relatou que seus vínculos familiares eram irmãos ou irmãs (n = 11), seguido por filhos ou filhas (n = 10). Também foram mencionados sobrinhos(as) (n = 5), vínculos colaterais (n = 2) e netos(as) (n = 1) (Figura 3).

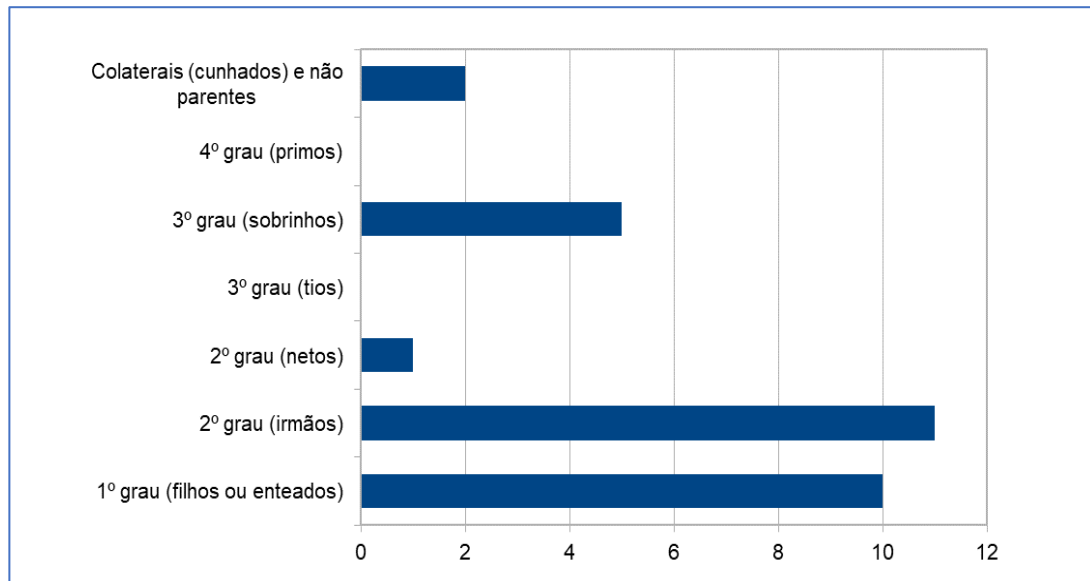
Porém, o fato de o idoso ainda possuir um vínculo familiar pode ser relativizado diante ao motivo do internamento, a medida em que esse vínculo pode ser interpretado pelo idoso apenas como uma “obrigação” que um familiar tem ao visitar o idoso de vez em quando.

Figura 2 – Percentual de idosos que afirmaram possuir ou não vínculo familiar.



Fonte: os autores.

Figura 3 – Tipo de vínculo familiar de acordo com o grau de parentesco informado pelos idosos.



Fonte: os autores

A possibilidade de um filho não querer mais cuidar de seus pais levando o idoso a uma situação de abandono dentro do seu próprio ambiente familiar pode ser menos chocante para o idoso do que o fato de ele ser internado em uma ILPI, local que para muitos desses idosos, segundo relato de Oliveira, Veras e Prado (2010) levarão “uma vida material sem vida, vazia e à espera da morte”. Por outro lado, Duarte e Santos (2004) afirmam que a escolha voluntária pela internação pode chocar a família mais do que a situação de descuido social e negligência familiar que o idoso procura evitar.

Nesse sentido, Bitencourt (2019) aponta que a relação da família com o idoso depende das crenças, representações e valores construídos e compartilhados ao longo da vida em relação ao “ser velho”, e que tal fato pode evidenciar diversas dificuldades, tanto para quem envelhece como para as famílias que os acompanham e muitas vezes não têm mais condições de cuidá-los.

Um estudo realizado em países desenvolvidos apontou que entre os principais aspectos que predispõem o acolhimento de idosos em ILPI estão o comprometimento funcional e cognitivo, além do aumento da idade, baixa autoavaliação do estado de saúde e demência (LUPPA *et al.*, 2010). No Brasil, outro fator que deve, senão influir diretamente, ao menos repercutir no efeito dos fatores de predisposição ao acolhimento institucional é o baixo nível de escolaridade, que inclui a maioria dos idosos institucionalizados (DAVIM *et al.*,

2004; NUNES *et al.*, 2010; CARMO *et al.*, 2012; ALVES-SILVA *et al.*, 2013; EVANGELISTA *et al.*, 2014).

As quatro categorias de análise que criamos para classificar os motivos que levaram os idosos a se institucionalizarem e que serão apresentadas em seguida também podem ser utilizadas para agrupar resultados de outras pesquisas em ILPI de outras regiões. Os principais motivos que levaram idosos a residirem em três ILPI do município de Natal (RN), por exemplo, foram problemas de família, não ter para onde ir, doença, solidão e situação de rua (DAVIM *et al.*, 2004). Em outro estudo, Bessa e Silva (2008), estudando uma ILPI exclusivamente feminina em Fortaleza (CE) apontaram que a inserção dessas idosas na ILPI “deu-se por iniciativa pessoal, mas não sem pressões externas, como solidão, medo de violência urbana, exclusão familiar e possibilidade de apoio, tanto no campo da saúde como no cuidado de si, pela instituição”. Já em uma ILPI do Médio Vale do Paraíba, em São Paulo, os principais motivos que levaram os idosos a residir na instituição foram o fato de terem ficado sozinhos, o fator financeiro e por doença (CARMO *et al.*, 2012).

Os relatos de como os idosos chegaram à ILPI já explicam, por si só o porquê da escolha ou imposição pelo acolhimento institucional. Os idosos entrevistados puderam ser agrupados em quatro categorias de análise de acordo com o motivo do internamento na ILPI: incapacidade da família em assumir o idoso; conflito e exclusão familiar; acolhimento compulsório e ingresso por conta própria. Criamos uma categoria à parte, chamada de “esquecidos” para agrupar aqueles idosos cujos motivos de institucionalização desapareceram das suas memórias ou dos registros institucionais.

Das entrevistas realizadas, selecionamos alguns recortes que em que os idosos relatam os motivos que os levaram a esta opção, o tempo de permanência e seu dia a dia na instituição. Os nomes dos idosos são fictícios, mas personalizam cada um como um cidadão possuidor de uma história que não deve ser esquecida.

3.1 Incapacidade de a família assumir o idoso

Em muitos casos a família não pode mais assumir a responsabilidade por cuidar do idoso adoentado e o encaminha para uma ILPI, como o senhor Fernando que após sofrer um acidente vascular cerebral a filha não pode assumir seu cuidado e nenhum outro parente tinha afinidade suficiente com ele para tal.

Márcia morava com os filhos até ficar doente, como já trabalhava na ILPI como voluntária acabou estabelecendo moradia na instituição onde, segundo ela “*vou morar aqui pra sempre*”. Entre os entrevistados poucos como ela ainda possuíam um vínculo familiar forte, recebendo visitas regulares dos filhos e saindo para visitar os mesmos. Márcia, no entanto, encontra-se tão institucionalizada que segundo seu relato sente-se estranha quando vai para casa dos filhos e solicita que a tragam de volta para a instituição.

Ana não tinha quem cuidasse dela e por isso chegou voluntariamente na ILPI, estava lá há pouco mais de um mês quando a conhecemos.

Eva chegou à ILPI levada pelos irmãos quando começou a ficar doente, na época da entrevista, seis anos depois de institucionalizada, não enxergava nem ouvia e estava com a saúde muito comprometida.

Quando conhecemos Cássio, já institucionalizado há 9 anos após um episódio grave de pneumonia e perda de sua independência funcional, relatou que passava seu tempo assistindo televisão e escutando rádio.

Eduardo foi levado à ILPI pelo seu ex-chefe, “*patrão*” como ele relatou, que já não conseguia mais cuidar dele.

Guilhermina morava com um sobrinho, que alegou que não tinha mais tempo para cuidá-la, e a levou para a instituição e a visitava regularmente.

Ricardo já estava há cinco anos institucionalizado quando o entrevistamos, fora levado pela irmã com quem morava depois que sofreu um acidente que o levou a sequelas permanentes que o fizeram perder sua autonomia funcional. Ricardo caminhava com dificuldade, pois a articulação da perna direita havia sido deslocada e apresentava dificuldade de comunicação, mesmo assim nos relatou que não possuía nenhuma escolaridade e que havia sido pedreiro, demonstrando tristeza ao referir “*gasto meu tempo assistindo televisão, conversando e sentado sem fazer nada*”.

Olavo adorava conversar conosco, embora não conseguisse verbalizar nenhuma resposta lógica e coerente, apenas repetia seu nome, dizia que era “esquecido” e que gostava de comer e dormir. A cuidadora informou que ele havia sido deixado lá há cinco anos por seus familiares, que não tinham mais recursos para cuidá-lo e creditou a falta de coerência na comunicação verbal devido a um acidente de trator que Olavo sofrera quando tinha 14 anos.

Paulo veio para a ILPI há seis anos por não haver mais algum familiar próximo para cuidá-lo depois que sua mobilidade ficou reduzida devido a uma atrofia muscular.

Renata foi enviada à ILPI por causa da dificuldade que a família estava tendo para cuidá-la por causa de seu temperamento forte. Segundo a cuidadora um familiar cujo vínculo não foi possível identificar ainda a visita regularmente.

A falta de autonomia do idoso o limita para realizar as atividades da vida diária e muitas vezes o impossibilita de gerenciar seu domicílio, prover alimentação, pagar contas, ir ao banco, entre outros motivos que podem se apresentar de forma isolada ou estarem associados entre si, assim apontados por Perlini, *et al* (2007) como um dos fatores de institucionalização do idoso quando a família não pode mais assumi-lo ou quando, segundo relato dos próprios idosos estes tornaram-se “*um peso para a família*” que faz opção pela institucionalização.

O principal motivo alegado por familiares de idosos de uma ILPI estudada por Tier *et al.* (2004) foi de optarem pela institucionalização por falta de tempo para cuidar do idoso, seguida pela incapacidade de cuidar do idoso por causa de problemas físicos e mentais que exigem cuidados profissionais e atenção em tempo integral.

Neste grupo observado os motivos foram.: incapacidade de cuidados familiares por causa de problemas físicos ou mentais, inexistência de um familiar próximo, falta de tempo ou de recursos financeiros por parte dos familiares.

3.2 Conflito e exclusão familiar

Também há casos de idosos que acabam se tornando um peso para a família, como o caso de Dorival que em suas palavras, “*era uma pessoa difícil de se lidar*”.

Ouvimos também o relato de Norberto, que quando não recebeu mais apoio da família, acabou sendo morador de rua até ser acolhido na ILPI, onde já estava há cinco anos. A paralisia que sofreu no lado esquerdo da sua face dificultava bastante sua comunicação oral, o que não nos impediu de entrevistá-lo. Na ILPI ele ocupava seu tempo entre pequenas caminhadas, assistindo programas de emissoras de emissoras católicas e escutando programas sertanejos no rádio, sendo que relatou inclusive que tinha o hábito de escrever cartas para serem lidas nos programas de rádio.

Diana já estava há sete anos na ILPI quando a conhecemos, devido à surdez avançada, contamos com o auxílio da cuidadora para possibilitar nossa comunicação, a cuidadora relatou que a idosa chegou na ILPI por problemas de convívio com a irmã, além de outros problemas como pouco espaço na casa e uma escada que não podia subir.

Lídia havia sido levada à ILPI há um ano quando a conhecemos, conforme sua cuidadora por uma queda com trauma na cabeça que a deixou com problemas mentais. Ainda de acordo com a cuidadora durante a internação na UTI houve desavenças na família e mais ninguém se disponibilizou ao cuidado e desde que chegou não recebeu nenhuma visita.

Por sua vez, Valério havia chegado à ILPI há três anos, saiu de casa porque não estava mais conseguindo ter um bom relacionamento com a filha e a ex-esposa, na instituição recebia visitas regulares de seu cunhado.

Registramos o relato de agressão familiar seguida de assalto sofrida por Antônio, motivos que os levaram até a ILPI onde reside.

Perlini *et al.* (2007) afirmam que as dificuldades de relacionamento com os demais membros da família também são fatores que contribuem para que o idoso seja enviado para uma ILPI, muitas vezes “em função da postura intransigente e autoritária, por parte da pessoa idosa, do que pela falta de flexibilidade dos familiares mais jovens”.

Minayo (2006), aponta que tanto a violência como o abandono familiar impetrado contra o idoso é um problema nacional e internacional, perpetuados por choque de gerações, por problemas de espaço físico ou por dificuldades financeiras que costumam se somar ao imaginário social que considera a velhice como “decadência” e o idoso como “descartável”.

Bitencourt (2019) salienta que a institucionalização forçada do idoso pode se dar devido a vários fatores familiares, como falta de tempo, paciência, conhecimento, condição financeira, aumentando as chances de isolamento e mesmo de situações de violência contra a pessoa idosa, culminando em abandono em alguma ILPI.

3.3 Acolhimento compulsório

Alguns idosos chegam a uma ILPI recolhidos por algum órgão ou instituição de assistência social por viverem em situação de rua ou por não possuírem mais família. Foram os casos de Norberto, já relatado acima e os de Amaral, Luiz Henrique e João Maria, relatados a seguir.

Amaral era morador de rua e alcoolista, estava na ILPI há um ano, relatou-nos que gostava de assistir televisão e de ir ao CAPS (Centro de Atendimento Psicossocial). Francisco deixou as ruas por uma questão social, não determinada por sua cuidadora e foi trazido à ILPI pela prefeitura, há três anos na ILPI ele apresenta uma atrofia muscular que o impossibilitava de andar.

Luiz Henrique, 78 anos, não apresenta problemas de saúde, nossa comunicação com ele foi prejudicada devido a sua surdez, a cuidadora nos relatou que não ter família foi o motivo de sua institucionalização.

João Maria chegou à ILPI após ter se acidentado com arma de fogo motivado por uma briga por terra, não possui filhos, vínculos familiares e ninguém que o visite na instituição. Logo no início da entrevista nos contou que era “filho

de *jagunço da lapa*²” e que o que mais gosta de fazer na instituição é “*fumar paiero e beber pinga*”.

Silva, Oliveira e Barreto (2009) afirmam quanto à institucionalização compulsória que:

[...] provoca uma espécie de ruptura nos ideais de vida traçados pelo próprio idoso, bem como gera o sentimento de expurgo de seu convívio social, fazendo com que os mesmos se sintam desrespeitados no que tange a sua própria vontade, dignidade e soberania, nas decisões que tange aos rumos que deveriam ser tomados em relação a sua vida.

3.4 Ingresso por conta própria

Os idosos que chegam na ILPI por conta própria como o Haroldo que morava sozinho, há 14 anos na instituição nos contou que nunca fumou ou bebeu e que gosta de assistir novelas e filmes na televisão.

Davi não tinha casa e morava com amigos quando decidiu se mudar para a ILPI onde se encontra há três anos, sem condições de se locomover, ocupa seu tempo ouvindo música.

Gustavo após ficar viúvo não tinha mais condições de viver sozinho e mudou-se para a ILPI onde recebe visitas regulares de seus sobrinhos, cadeirante devido ao enfraquecimento de seus membros inferiores, também apresenta muita dificuldade em articular respostas para nossas questões.

Joana nos relatou que não recebe mais visitas, afirmou-nos que tinha uma irmã que parecia morar em Curitiba, nos relatou que morava sozinha perto da casa do seu patrão até que ficou doente há oito anos e veio para a ILPI. Cadeirante, Joana não conseguia mais andar por causa de um acidente de car-

² Conforme Oliveira (2006), o termo “jagunço” se refere a “uma figura que emblematisa importantes definições do modo de ser e de agir dos combatentes do movimento sertanejo do Contestado”. A guerra do contestado, conforme Lino (2011), ocorreu “no planalto sul brasileiro entre os anos de 1912 e 1916, culminando com a morte de mais de 6 mil pessoas, sendo a maioria formada por caboclos pobres que resistiram a dezenas de expedições militares”. Já o termo “da lapa”, provavelmente se refira ao “monje da lapa”, uma das alcunhas que designavam o monge João Maria d’Agostini, figura mítica e emblemática na região do Contestado, que, segundo contam, morou em uma espécie de gruta encravada na chamada Pedra Santa (a “lapa”) (OLIVEIRA, 2008).

ro em que fraturou uma perna, relatou-nos que gosta de ficar assistindo televisão, caminhando pela casa e fazendo ginástica.

Leonardo há 12 anos na ILPI, veio quando a tia que morava com ele faleceu, apesar da dificuldade de comunicação, ele conseguiu nos relatar que não fuma mais e que gosta de passear.

Laura morava com sua irmã quando começou a ter problemas de mobilidade necessitando de uma cadeira de rodas, faltando espaço em sua casa, foi morar na ILPI onde sua irmã ainda a visita. Ela nos relatou que gostava de trabalhar na cozinha e na roça, quando era mais nova.

Mariana nos relatou que gostava de conversar, ler, escrever e de cantar. Por ter suas pernas amputadas devido a um motivo desconhecido, locomove-se com auxílio de uma cadeira de rodas e veio morar na ILPI há 21 anos por falta de alguém que a cuidasse.

Teresa havia chegado à ILPI há quatro meses e ainda não havia recebido a visita de ninguém, viúva e sem filhos, optou por morar na ILPI pois estava sozinha e doente e suas outras irmãs também ficaram doentes. Suas ocupações na ILPI são passear, ouvir rádio e assistir televisão.

José Carlos morava com um irmão, teve uma queda dentro de seu quarto e fraturou o fêmur, desde então perdeu parte da sua independência funcional e optou por ir morar na ILPI, para ocupar seu tempo, ele nos afirmou que gostava de jogar dominó, ler jornal, caminhar e assistir à missa.

Vitor optou por morar na ILPI após perder a visão e parte da audição e sem ter quem o cuidasse, na ILPI recebe visitas regulares de uma enteada. Em seu dia a dia na instituição Vitor gosta dos momentos de ginástica, além de caminhar e ler.

Nivaldo veio para a ILPI após sofrer um acidente vascular cerebral (AVC). Nos relatou que teve uma filha, já falecida e que recebe visitas regulares de uma sobrinha.

Guilherme era solteiro, não tinha filhos e recebe visitas regulares de um irmão e de uma irmã, optou por morar na ILPI depois de passar por uma cirurgia no abdômen e perder parte de sua independência funcional. Guilherme nos relatou que tem problemas de tireoide e de próstata, mas que mesmo assim

ainda continua fumando, para “*dar suas pitadas*” gosta de passear no quintal da ILPI e às vezes fora dela.

Joaquim trabalhava na roça e era alcoolista, optou por morar na ILPI após fraturar a perna e perder grande parte da sua funcionalidade. Nos relatou que gostava de assistir televisão e jogar futebol, mas agora está na cama se recuperando de uma cirurgia. A cuidadora nos informou que Joaquim sofre com constantes alucinações e toma medicações por causa disso.

Jeremias optou por morar na ILPI depois que teve que amputar a perna esquerda, por causa de um acidente. Relatou-nos que gosta de passar seu tempo na ILPI lendo.

Por não ter quem a cuidasse depois que perdeu sua independência funcional e passou a depender de remédios controlados, Zulma optou por morar na ILPI, relatou-nos que ainda fuma e que gosta de fazer artesanato.

Quando foi diagnosticada com a doença de Alzheimer Daiane veio morar na instituição. recebe visitas regulares de sua filha e relatou-nos que gosta de brincar com seu gato “*piazinho*”.

Evaristo foi para a ILPI por opção própria, “*para não dar trabalho aos meus familiares*”, segundo ele próprio. Ele não se locomove por um problema de desgaste ósseo na perna e no quadril e ainda passou por uma cirurgia de tendão.

Olegário, um senhor de 92 anos, optou por morar na ILPI “*para não dar trabalho para minha única filha*”, segundo nos relatou. Apresentando alta independência funcional e grande lucidez. Porém, a comunicação com Olegário é dificultada por causa de um elevado grau de surdez. Ele nos relatou que tem por hábito dormir depois do almoço, comer doce de leite antes de dormir e assistir à televisão. Em sua entrevista, ele escreveu um pensamento atribuído à Vitor Hugo: “a vida é a viagem, a ideia é o itinerário”.

Vários dos idosos que escolheram residir nas ILPI por conta própria, afirmaram que não queriam mais atrapalhar a família, principalmente os filhos com quem moravam e geralmente eram os responsáveis por seus cuidados. Essa motivação também foi ouvida por Duarte e Santos (2004), ao entrevistarem idosos institucionalizadas de Ribeirão Preto (SP). Esses autores afirmam

que “as mulheres, que outrora tinham como tarefa prioritária os cuidados com os filhos, hoje procuram ‘não dar trabalho’ para os mesmos”.

Esse motivo também foi registrado por Perlini *et al.* (2007), que relataram que muitas vezes a opção por residir em uma ILPI parte do próprio idoso, que busca “um local no qual encontre atenção, conforto e, especialmente, atendimento às suas necessidades básicas”.

3.5 Os idosos “esquecidos”

Há ainda casos de idosos que já não lembram o motivo pelo qual foram para uma ILPI. João, por exemplo, afirmou que não sabe o verdadeiro motivo de ter chegado à ILPI segundo ele “*não sabia que era uma casa de idosos, quando vi, já estava morando aqui*”.

Nívea havia cinco anos que estava na ILPI quando a entrevistamos. Não sabia o motivo de sua opção por morar na ILPI, mas na época já sofria com a doença de Alzheimer.

Em outros casos, a própria ILPI não possui o registro do motivo do acolhimento do idoso na instituição. É o caso de Suzana, que segundo o relato de sua cuidadora, havia sido alcoolista, tabagista e possuía o corpo marcado por cicatrizes de quedas. Após um AVC, Suzana ficou impossibilitada de caminhar e já está na ILPI há 16 anos.

Também não foi possível obter maiores informações sobre Otávio por causa da sua incapacidade de comunicação, está com 82 anos e há 21 residindo na ILPI.

Felipe não pode se locomover por causa de problemas nas pernas. Não conseguimos apurar o motivo que o levou à ILPI e sua cuidadora nos informou que ele recebe visitas esporádicas de uma irmã.

Moema apresenta problemas mentais, mudez e não consegue fazer nada sozinha, sua cuidadora não soube nos dizer o motivo de sua opção por morar na ILPI.

O sentimento de abandono que alguns idosos institucionalizados é compartilhado por idosos de outras instituições espalhadas pelo Brasil. Idosos de

Patos de Minas (MG), entrevistados por Evangelista *et al.* (2014), relataram sentimento de abandono e solidão relacionados com a falta dos filhos e do cônjuge. O vínculo familiar mantido mesmo depois da institucionalização pode ser a forma mais efetiva de amenizar esse sentimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao ouvirmos os relatos dos idosos entrevistados, conseguimos estabelecer quatro principais motivos que o levaram à institucionalização: incapacidade da família de assumi-los, conflito e exclusão familiar; acolhimento compulsório; e ingresso por conta própria. Nos deparamos também com idosos “esquecidos”, em toda a ambiguidade que o termo possa proporcionar: esquecidos pelas suas próprias memórias e esquecidos pela sociedade, que os relegou a um confinamento onde nem se deram ao trabalho de registrar seu passado.

Concordamos com Burlá *et al.* (2010, p. 283) quando afirmam que

contrariando a crença de que a família é o lugar ideal de amparo e aconchego, a ILPI possa se apresentar no mundo atual como uma resposta eficiente e humanitária aos problemas de residência dos nossos velhos que assim o desejem ou necessitem.

Porém, ainda temos um longo caminho pela frente para que as ILPI de fato se apresentem como um local de amparo em todos os sentidos aos seus idosos residentes.

Infelizmente, Bitencourt (2019) afirma, acertadamente, que

longe de ser vistas como instituições sociais que cumprem a função social do cuidado, da sociabilidade entre os idosos, as instituições de longa permanência, os conhecidos asilos, ainda são vistas como depósitos de velhos, que estão esperando a morte, e que perderam a autonomia.

O que propomos aqui, como uma forma de provocação e desafio é tentarmos ir mais adiante. Nossas ILPI estão carentes de intervenções que proporcionem aos seus idosos atividades sociais e afetivas, e que despertem ou resgatem neles sentimentos que aumentem autoestima e desejo de viver. É tempo de vincularmos pesquisas com ações de extensão interdisciplinares e levarmos aos idosos institucionalizados oportunidades de convívio social e cultural de modo a efetivamente ajudar na mudança dessa situação.

REFERÊNCIAS

ALVES-SILVA, J. D., SCORSOLINI-COMIN, F. SANTOS, M. A. Idosos em instituições de longa permanência: desenvolvimento, condições de vida e saúde. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 26, n. 4, p. 820-830, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000400023>. Acesso em: 2 ago. 2019.

ANVISA. Resolução de Diretoria Colegiada – RDC Nº 283, de 26 de setembro de 2005. Brasília: Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Disponível em: http://portal.anvisa.gov.br/documents/10181/2718376/RDC_283_2005_COMP.pdf/a38f2055-c23a-4eca-94ed-76fa43acb1df. Acesso em: 21 mai. 2019.

BESSA, M. E. P.; SILVA, M. J. da. Motivações para o ingresso dos idosos em instituições de longa permanência e processos adaptativos: um estudo de caso. **Texto e Contexto – Enfermagem**, v. 17, n. 2, p. 258-265, 2008. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072008000200006>. Acesso em: 2 ago. 2019.

BITENCOURT, S. M. Notas sobre o envelhecimento a partir de uma Instituição de Longa Permanência em Cuiabá (MT), Brasil. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 22, n. 1, p. 163-183, 2019. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/43187>. Acesso em: 1 ago. 2019.

BURLÁ, C.; PY, L.; SCHARDSTEIN, E. A. Como estão sendo cuidados os idosos no final da vida? In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa**: um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010. p. 279-300.

CAMARANO, A. A. Instituições de longa permanência e outras modalidades de arranjos domiciliares para idosos. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, 2007. p. 169-190.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. Como as famílias brasileiras estão lidando com idosos que demandam cuidados e quais as perspectivas futuras? A visão mostrada pelas PNADs. In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa**: um novo risco social a ser assumido? Rio de Janeiro: IPEA, 2010. p. 93-122.

CARMO, H. de O.; RANGEL, J. R. A.; RIBEIRO, N. A. do P.; ARAÚJO, C. L. de O. Idoso institucionalizado: o que sente, percebe e deseja? **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 9, n. 3, p. 330-340, 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/1274>. Acesso em: 2 ago. 2019.

DAVIM, R. M. B.; TORRES, G. de V.; DANTAS, S. M. M.; LIMA, V. M. de. Estudo com idosos de instituições asilares no município de Natal/RN: características socioeconômicas e de saúde. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v. 12, n. 3, p. 518-524, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a10.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2019.

DUARTE, C. V.; SANTOS, M. A. dos. “E agora... de Quem Cuidarei?”. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 24, n. 1, p. 2-13, 2004. Disponível em: <http://pep-sic.bvsalud.org/pdf/pcp/v24n1/v24n1a02.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2019.

DUARTE, Y. A. de O.; NUNES, D. P.; CORONA, L. P.; LEBRÃO, M. L. Como estão sendo cuidados os idosos frágeis de São Paulo? A visão mostrada pelo estudo SABE (Saúde, Bem-estar e envelhecimento). In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?** Rio de Janeiro: IPEA, 2010. p. 123-144.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. **Illuminuras**, v. 3, n. 7, p. 1-22, 2003.

EVANGELISTA, R. A.; BUENO, A de A.; CASTRO, P. A. de; NASCIMENTO, J. N.; ARAÚJO, N. T. de; AIRES, G. P. Percepções e vivências dos idosos residentes de uma instituição asilar. **Revista de Escola de Enfermagem da USP**, v.48, n. Esp. 2, p. 85-91, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00081.pdf. Acesso em: 2 jun. 2019.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas: 2002.

LINO, J. T.; Silva, E. S. da. Paisagem aliada, paisagem inimiga: arqueologia, história e natureza da guerra do Contestado. **Tempos Históricos**, v. 15, n. 2, p. 179-204, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/7204>. Acesso em: 5 mai. 2019.

LUPPA, M.; LUCK, T.; WEYERE, S.; KÖNIG, H-H.; BRÄHLER, S. G.; RIEDEL-HELLER, S. G. Prediction of institutionalization in the elderly. A systematic review. **Age and Ageing**, v. 39, n. 31, p. 31-38, 2010. doi: 10.1093/ageing/afp202.

MINAYO, M. C. de S. **Violência e Saúde** [online]. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006. (Temas em Saúde Collection). Disponível em: <http://books.scielo.org/id/y9sxc>. Acesso em: 31 jul. 2019.

NUNES, V. M. A.; MENEZES, R. M. P.; ALCHIERI, J. C. Avaliação da qualidade de vida em idosos institucionalizados no município de Natal, Estado do Rio Grande do Norte. **Acta Scientiarum, Health Sciences**, v. 32, n. 2, p. 119-126, 2010. doi: 10.4025/actascihealthsci.v32i2.8479.

OLIVEIRA, R. B. de A.; VERAS, R. P.; PRADO, S. D. A alimentação de idosos sob vigilância: experiências no interior de um asilo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 13, n. 3, p. 413-423, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n3/a08v13n3.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.

OLIVEIRA, S. A. de. **Guerra do Contestado**: mimesis e políticas da memória. 2006. Tese (Doutorado em Teoria Literária) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88536/234045.pdf?sequence=1>. Acesso em: 2 ago, 2019.

OLIVEIRA, S. A. de. As vozes e a doxa: os relatos orais e a biografia dos monges do Contestado. **Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLI**, v. 5, p. 57-79, 2008. Disponível em: http://revistaboitata.portaldepoeticasorais.inf.br/site/arquivos/revistas/1/AS_VOZES_E_A_DOXA.pdf. Acesso em: 5 mai. 2019.

PERLINI, N. M. O. G.; LEITE, M. T.; FURINI, A. C. Em busca de uma instituição para a pessoa idosa morar: motivos apontados por familiares. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.41, n. 2, p. 229-36, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v41n2/07.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Protocolo Qualidade em Instituições de Longa Permanência para Idosos no Município de Curitiba**. 3. ed. Curitiba: Fundação de Ação Social e Secretaria Municipal da Saúde, 2014. Disponível em: <http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/baixarMultimedia.aspx?idf=9061>. Acesso em 5 mai. 2019.

SANTA CATARINA. **Plano de Desenvolvimento Regional de Turismo 2010 - 2020**: Vale do Contestado. Florianópolis: Agência de Desenvolvimento do Turismo de Santa Catarina.

SILVA, A. de O. da; OLIVEIRA, C. de; BARRETO, M. E. S. Atividades lúdico interativas em instituições de longa permanência para idosos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA DOMÉSTICA, 20, 2009, Fortaleza. **Anais [...]** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009. Disponível em: http://www.xxcbcd.ufc.br/arqs/qt1/qt1_12.pdf. Acesso em: 2 ago. 2019.

TIER, C. G.; FONTANA, R. T.; SOARES, N. V. Refletindo sobre idosos institucionalizados. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 57, n. 3, p. 332-335, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n3/a15v57n3.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2019.